



Linhas de Cascudo, Espaços de Pesquisa¹

Ivany Câmara Neiva²

Universidade Católica de Brasília, Universidade de Brasília.

Resumo

Duas cartas de Luís da Câmara Cascudo são o mote para se pensar sobre a cultura e a oralidade como espaços de pesquisa em comunicação. Na primeira, escrita para Luiz Beltrão há quarenta anos, Cascudo comenta o ensaio “O ex-voto como veículo jornalístico”, publicado na revista *Comunicações & Problemas*. Na segunda, dirigida a seu primo Antônio de Arruda Câmara em 1961, Cascudo se refere à correspondência escrita como possível objeto de estudo de *literatura oral*.

Palavras-chave

Oralidade; folkcomunicação; cultura; cartas; Câmara Cascudo.

1. Linhas de Cascudo

Há quarenta anos, Luiz Beltrão lançava um pioneiro *manifesto folkcomunicação*³, ao publicar o ensaio “O ex-voto como veículo jornalístico” na primeira edição da revista *Comunicações & Problemas*, do ICINFORM - Instituto de Ciências da Informação, em Recife⁴. A partir de suas pesquisas, Beltrão indicava que o ritual de oferecer e expor peças de ex-votos em espaços sagrados ia além do “mero acerto de contas mágicas”⁵: essa tradição anunciava publicamente e veiculava, de forma peculiar, que se cumprira o voto ou a promessa feita pelo devoto aos seus santos protetores. Tendo como mote o ex-voto, Luiz Beltrão apontava possibilidades de análise das manifestações culturais como formas de comunicação popular.

Esse diálogo entre teorias do folclore e da comunicação de massa atçou a curiosidade e a inquietação intelectual de Luís da Câmara Cascudo, que então escreve, da cidade de Natal, uma carta a seu xará pernambucano:

"O seu artigo-de-abertura (...) é um magnífico master-plan. Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função. Não espere que venha um nome de fora, um livro de longe, ensinando a amar o que temos ao alcance dos olhos. Teime, como está fazendo, em valorizar o Homem do Brasil em sua normalidade. E não apenas os produtos do esforço desse Homem. Acredite na força pessoal do seu afeto no plano da penetração analítica. Acima de tudo, veja com seus olhos. Ande com seus pés. Depois compare com as conclusões de outros olhos e com as pegadas de outros pés. (...)

¹ Trabalho apresentado no NP 17 - Folkcomunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Ivany Câmara Neiva é professora no Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília e doutoranda em História Cultural na Universidade de Brasília. Contato: neiva3@terra.com.br

³ Expressão utilizada por MELO (2003).

⁴ BELTRÃO (1965).

⁵ MELO (2001).



Desconfie dos mentores integrais, nada permitindo às alegrias do seu livre trânsito. O papagaio, que tanto fala, não sabe fazer um ninho. E os pássaros cantadores aprenderam na gaiola essa habilidade de prisioneiros profissionais”⁶

Nessa carta, publicada no segundo número de *Comunicações & Problemas* – também há quarenta anos -, estão presentes algumas das características do método e dos valores de Cascudo: o cotidiano, o popular, o *brasileiro*, a pesquisa continuada e curiosa. Essas *linhas* fazem lembrar outras, trocadas entre Cascudo e Mário de Andrade⁷, em que era recorrente a idéia modernista de *construção e atualização da inteligência brasileira*⁸, marcante para a obra de Cascudo, e que ele reforça quando comenta o ensaio de Luís Beltrão.

Ali em 1965 aparece, também, o Cascudo comunicador, que escreve e recebe cartas, bilhetes e notas. Aquela carta publicada em *Comunicação & Problemas* é uma das muitas escritas por ele ao longo de seu trabalho e de sua vida. Câmara Cascudo foi um dedicado correspondente epistolar, e essas *linhas de Cascudo* constituem, sem dúvida, fontes importantes de informação, registro de memória, de metodologia e de *espaços de pesquisa*.

Também dos anos sessenta, outra carta nos sensibiliza para a atualidade dos temas tratados por Cascudo. Trata-se de um bilhete datado de 1961, enviado por ele para seu primo – e meu avô - Antônio de Arruda Câmara, em que Cascudo se remete aos tipos de literatura oral identificados e incluídos originalmente em seu livro *Literatura Oral no Brasil*, escrito de 1945 a 1949 e publicado pela primeira vez em 1952 - “texto vagaroso, feito e refeito como renda de almofada”, atendendo “ao plano da Informação e não ‘exibição’ da cultura popular, permanente na Memória e transmitida pela voz”⁹.

Cascudo reafirma, então, seu prazer em conversar e em escrever e receber cartas, e comenta que vem observando características de oralidade na correspondência escrita. Lembra que deixara de tratar de alguns “gêneros” de literatura oral – as “lacunas” que registrara à época da primeira edição do livro, “quatro anos depois de terminado”. Na Introdução, Cascudo lamentava “não ter dado maior relevo aos desenhos e frases rescritas a carvão nos muros da cidade e à poderosa influência intelectual e social das

⁶ *Comunicações & Problemas*, 1965, v.1, n.2. Recife, Icinform.

⁷ ANDRADE (1991).

⁸ Um dos *objetivos* do Movimento Modernista, sempre reiterado por Mário de Andrade em sua correspondência com Câmara Cascudo. Ver FROTA (1981).

⁹ LOB, Nota da 2ª Edição. As *notas* deste texto fazem referência a trechos da 2ª edição (1978) e estão registradas como *LOB*, seguidas do número da página de onde foi recolhida a citação.



anedotas”¹⁰. Na carta, volta ao assunto e ensaia incluir a correspondência epistolar – um de seus ofícios preferidos – como objeto de interesse para os estudos sobre a oralidade – um de seus temas principais.

Assim, a partir de algumas *linhas de Cascudo*, voltamos no tempo não só aqueles quarenta anos, e sim mais de cinquenta, para reencontrar seu texto *Literatura Oral no Brasil* e ali identificarmos contemporâneos *espaços de pesquisa* em cultura, oralidade, comunicação.

2. Cascudo, o Câmara

Dos quatro aos oito anos, ouvi muitas estórias contadas pelo meu avô Antônio¹¹. Eram casos do sertão do Ingá, lembranças da primeira escola, dos amigos e parentes, das estradas, das plantas e dos cangaceiros. Eram lendas e cantigas da região. Ele trazia, no mesmo patamar das estórias, personagens que só mais tarde descobri que existiam “de verdade”. Um deles era o Cascudinho, um primo que morava no Rio Grande do Norte e também era um grande conversador. Tinham quase a mesma idade – Vovô nasceu em setembro de 1895 e Cascudo em dezembro de 1898.

Foi pelas estórias de infância que Luís da Câmara Cascudo “entrou na minha vida”.

Mais tarde, Vovô me mostrava cartas que recebia do primo. Devem ter se correspondido durante muito tempo, mas, de pasta em pasta e de casa em casa, só restaram textos completos de 1959 a 1961. Os assuntos eram variados e a linguagem sempre sertaneja e bem humorada. Tratavam-se geralmente por “amigo velho” e às vezes inventavam apelidos e títulos um para o outro. Em 29 de julho de 1960, Câmara Cascudo começa uma carta chamando meu avô de “Dom Antônio, Conde de Arruda Câmara” e se despede com um “abraço de tamanduá lírico”.

Por essas cartas acompanhei, de longe, a produção do que Cascudo chamava de “um cartapácio intitulado *Civilização e Cultura*¹², pesquisas e notas de Etnografia Geral no meu velho curso nesta Universidade”, em que estava “mergulhado há uns seis anos”. Em 19 de julho de 1960, Cascudo pedia ao amigo para ajudá-lo (“a esse professor

¹⁰ LOB, Introdução.

¹¹ Antônio de Arruda Câmara (1895-1962) era paraibano do Ingá do Bacamarte, engenheiro agrônomo. Foi diretor da Escola de Agricultura Wenceslau Bello e Diretor do Serviço de Economia Rural, do Ministério da Agricultura, no Rio de Janeiro. Participou da Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil, 1947/ 1948.

¹² *Civilização e Cultura: Pesquisas e Notas de Etnografia Geral* foi concluído em 1962 e publicado pela primeira vez em 1972. O livro reúne resultados de pesquisas discutidos durante suas aulas de Etnografia Geral na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde foi professor de 1955 a 1963.

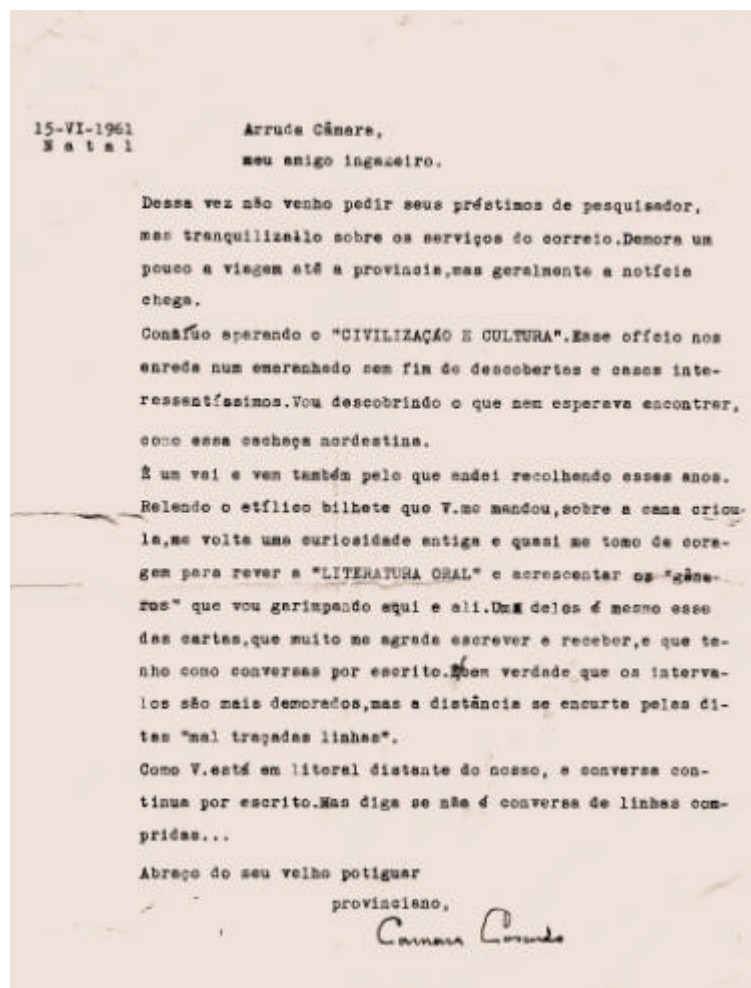


provinciano”) a “desatar esse nó” – no caso, dúvidas sobre as primeiras laranjeiras a chegarem ao Brasil.

Na Páscoa de 1961, conta que no mês de junho seguinte iam se completar sete anos daquele trabalho, e procura quem saiba notícias de uma espécie de *cana crioula* possivelmente nativa, anterior àquela introduzida por portugueses no Brasil. Essa busca da cana crioula rende várias cartas e a descoberta de estórias que vão desde os hábitos alimentares dos indígenas brasileiros até à *caninha* e às cachaças nordestinas.

Na seqüência dessa correspondência, Cascudo escreve a carta a que nos referimos como mote dessa volta ao *Literatura Oral*, a partir de sua referência ao “gênero” que vislumbra na correspondência escrita:

“... esse das cartas, que muito me agrada escrever e receber, e que tenho como conversas por escrito. É bem verdade que os intervalos são mais demorados, mas a distância se encurta pelas ditas ‘mal traçadas linhas’... Como V. está em litoral distante do nosso, a conversa continua por escrito. Mas diga se não é conversa de linhas compridas...”





Assim como Antônio participava das buscas de Cascudo, também ele vasculhava anotações e lembranças, sugerindo contatos para os estudos que o primo estava desenvolvendo sobre os Arruda Câmara. Meu avô foi construindo e descobrindo redes familiares a partir da Paraíba e do Rio Grande do Norte, e produzindo, além das informações genealógicas que pretendia¹³, também várias crônicas e notas, nas quais muitas vezes Cascudo é personagem.

Encontrei entre os escritos de meu avô alguns bilhetes inacabados – não sei se algum dia enviados. Um deles, manuscrito do início de 1959, começava “Amigo velho, não se aperreie com isso. Importante é seu atrevimento, é buscar as estórias...” Outros bilhetes sugerem que as crônicas que escrevia no Jornal *A República*, de Natal, estavam sendo criticadas. O *aperreio* de Cascudo teria ligação com a questão do *status* do folclore, depreciado como “não-ciência”? Seria pelos comentários sobre a inserção do *folclorista* Cascudo na academia? ou pelas referências a alguma postura política conservadora? Talvez, no outro extremo, ainda pelas críticas àquela sua aproximação com os *modernistas* como Mário de Andrade?

Cascudo, sempre bem-humoradamente se definindo como *provinciano*, foi erudito, pesquisador, comunicador. Sua trajetória registra desde cedo a interação que buscou entre o “popular” e a intelectualidade, e isso está presente na sua intensa e extensa produção: de 1920, quando começa a publicar, até 1986, ano de sua morte, chega a quase – ou ultrapassa - uma centena de títulos¹⁴ - além das cartas, inúmeras e dispersas.

Hoje, revendo algumas dessas cartas e relendo o *Literatura Oral no Brasil*, vou descobrindo também o rico *patrimônio imaterial* que foi a amizade desses dois primos, pesquisadores do fazer histórico que dá voz ao homem comum, à memória, às conversas, às cartas, à comunicação popular, à literatura oral.

3. Espaços de pesquisa em Comunicação: a cultura, a literatura oral

Mesmo hoje, quando a expressão *literatura oral* já aparece em verbete de dicionário¹⁵, é objeto de pesquisas acadêmicas e tema de congressos e seminários, mesmo hoje ainda

¹³ ARRUDA CÂMARA (1960). Outro primo, Fábio Arruda de Lima, trabalha nessa linha e me enviou informações sob o título “O que seu avô não sabia”. Conta, por exemplo, que o parentesco entre Câmara Cascudo e Arruda Câmara existe em Portugal, mas que no Brasil os Câmara de meu avô e os de Cascudo seguiram ramos diferentes.

¹⁴ SILVA (2003) relaciona oitenta e sete títulos. No site *Memória Viva de Cascudo* estão relacionados cento e oitenta e nove (entre livros, livretos e outras publicações), a partir do acervo do fotógrafo e pesquisador norte-riograndense Carlos Lyra, com informações complementares de Mamede (1970).

¹⁵ Na Grande Enciclopédia Larousse Cultural, de 1988, há um breve histórico, registrando que “A literatura oral (...) não existe apenas entre povos que desconhecem a escrita”. No Novo Aurélio, de 1999, consta: “Literatura oral – O conjunto das lendas e/ou narrativas transmitidas por tradição”.



soa paradoxal, para muitos, haver uma literatura “da voz” e não apenas “das letras”. Os trabalhos de Cascudo vêm sendo fundamentais não só para essa discussão conceitual, como para a divulgação da literatura oral brasileira e para a validação de linhas de pesquisa nessa área, inserindo a questão da oralidade e da comunicação popular nos fóruns letrados e acadêmicos. Na Introdução do *Literatura Oral no Brasil*, por exemplo, declara que seu livro “coloca diante do leitor letrado, do professor de literatura, um material (com) todos os poderes de tempo, nascimento, resistência e contemporaneidade para considerar-se proclamado em sua legitimidade indiscutida ao lado da outra literatura (...)”.

Situando as origens da denominação *literatura oral* em 1881, por Paul Sébillot¹⁶, que a definia como “a literatura que, para quem não lê, substitui as produções literárias”, Cascudo revê essa conceituação: o essencial não seria a recepção (“quem não lê”) nem o caráter de *substituição* dos textos escritos, mas sim a transmissão e a persistência pela oralidade.

Ainda na Introdução, comenta que essa expressão não era, até então, acolhida em publicações brasileiras: “pela primeira vez, graças ao Sr. Álvaro Lins, um documentário de literatura oral aparece nos quadros clássicos da literatura geral”. Explicita, então, a oralidade como eixo de seu trabalho ao longo do tempo, e de seus projetos, efetivamente desenvolvidos nos anos seguintes: “Todos os volumes que tenho publicado a partir de 1939 estudam gêneros da Literatura Oral (...), com bibliografia, classificação e sentido de sistematização. Seguir-se-ão [outros], onde se fará o possível de registro”.

Nesse livro, Cascudo apresenta suas pesquisas, sua análise e seus comentários sobre a literatura oral no Brasil em dez capítulos sem título que tratam de conceitos, fontes, objeto, formas de transmissão da literatura oral; de seus elementos, temas e espécies; da participação indígena, da sobrevivência afro-negra, da permanência portuguesa; das fontes impressas; da narrativa popular, especialmente do conto, seus motivos, elementos, gêneros e métodos de classificação, incluindo uma “pequena antologia do conto brasileiro”; da poesia oral; dos autos populares e das danças dramáticas.

Ao longo de todo seu texto, Cascudo enfatiza a interdependência entre as duas literaturas - a escrita, erudita, e a oral - e lembra que a persistência pela oralidade pode se dar, inclusive, pela fixação tipográfica. Ou seja: as fontes contínuas da literatura oral podem ser explicitamente e predominantemente *orais* (estórias, cantos populares,

¹⁶ SÉBILLOT, 1881.



danças de roda, danças cantadas, jogos infantis, acalantos, cantigas anônimas, aboios, anedotas, adivinhações, lendas e outras formas de expressão), e também impressas (publicações populares, como os antigos folhetos e livrinhos originários principalmente de Portugal e de Espanha, com motivos correntes nos séculos XIII ao XVI, até a produção brasileira contemporânea, como o cordel).

Nesse sentido, ao longo de suas pesquisas Cascudo recolhe, compara, classifica “elementos vivos da literatura oral”, na qual reconhece imagens sonoras e visuais que *persistem, mesclam-se e se transformam pela oralidade*.

Refletindo embates intelectuais de seu tempo, Cascudo teoriza sobre a produção popular – que inclui a literatura oral - e o folclore – que inclui a literatura folclórica. Estabelece fronteiras conceituais com base na temporalidade: o folclore, que tem como elementos característicos a antiguidade, a persistência, o anonimato e a oralidade, “transcende temporalidades”, não tem registro fixado no tempo; é o que fica, com o passar do tempo. Já a produção popular, incluindo a literatura oral, traz rastros do folclore e pode ser localizada temporalmente. Isso é feito por Cascudo nesse e em outros trabalhos, nos quais busca a trajetória da transmissão, transformação e permanência dessa produção popular brasileira.

4. O lugar do método – como contava o contador

O método de trabalho de Cascudo permeia não só seus trabalhos publicados, mas também é perceptível nas linhas e entrelinhas das cartas e nas lembranças de quem com ele conversava: sempre o pesquisador estava presente, e sua forma de expressão revelava o contador de histórias.

Embora em *Literatura Oral no Brasil* Cascudo não dedique um capítulo específico às questões metodológicas, ao longo de todo o texto demonstra seu costumeiro cuidado com o *lugar do método*, pela construção de caminhos para o estudo dos diversos gêneros, tipos e elementos da literatura oral.

Quanto à *informação*, por exemplo, é traço marcante na obra de Câmara Cascudo a construção e a utilização criteriosa das fontes - escritas e orais. A propósito, nas notas preliminares de *Jangadeiros*¹⁷, informa aos leitores que “notas, livros, amizade com velhos mestres de jangada, veteranos de mar e vento, credenciarão este depoimento”.

¹⁷ CASCUDO, 1957. Citado em SILVA, 2003, pg. 141.



Ao longo de toda a sua obra, inclusive nas cartas que escreveu, Cascudo identifica, recolhe, descreve, classifica, sistematiza informações. Em *Literatura Oral no Brasil*, busca classificar *espécies de oralidade* (canto, dança, auto popular, dança dramática, mito, lenda, fábula, tradição, conto, rondas infantis, parlendas, mnemonias, adivinhas, anedotas e outras), gêneros de poesia oral e de autos populares.

Em relação ao conto, define critérios e se detém na construção de categorias para sistematizar e classificar as versões recolhidas. Declara não pretender *interpretar* os motivos e elementos dos contos, e sim confrontá-los e classificá-los. Percebe claramente, inclusive, a atualíssima questão dos conflitos de interpretação, “dependendo da escola a que está filiado o explicador”¹⁸. Reitera sua opção metodológica pela comparação, reconhecendo na classificação de “motivos-tipos” de Antti Aarne¹⁹ a primeira tentativa de sistemática para o “estudo confrontativo do conto popular”²⁰.

Na sua busca pela trajetória da literatura oral, Cascudo recorre a publicações antigas e contemporâneas dele, européias, norte-americanas, latino-americanas e brasileiras, de etnógrafos, historiadores e cientistas sociais, literatos e pesquisadores da cultura, jornalistas, cronistas e viajantes. Confirmando seu método e seu estilo de ouvinte atento e contador de histórias, Cascudo reconhece a experiência vivida como fonte, e une as “pontas comunicantes”²¹ da escrita e da oralidade, entrelaçando as referências bibliográficas e as histórias contadas e recontadas pelas pessoas comuns, por ele recolhidas e registradas: “(...) verifiquei a unidade radicular dessas florestas [a literatura oral e a literatura escrita] separadas e orgulhosas em sua independência exterior”²². Ao longo do texto, várias vezes reitera essa complementaridade: “Há uma continuidade na transmissão das histórias orais sem prejuízo da fixação culta, que também é divulgadora”²³. Cascudo valoriza a oralidade, a comunicação e a memória, exercitando aquele entrelaçamento e o rigor metodológico em seu estudo: “A solução é o depoimento pessoal. Depoimentos de leituras, de observações, de raciocínios, na honestidade dos cotejos, na lealdade das fontes bibliográficas, no solidarismo de querer conhecer para melhor compreender”²⁴.

¹⁸ LOB, Cap. VII, pg. 256

¹⁹ AARNE, 1910, e AARNE e THOMPSON, 1928.

²⁰ LOB, Cap. VII, pg. 250

²¹ LOB, Introdução.

²² idem

²³ idem

²⁴ idem



É freqüente a utilização da narrativa em primeira pessoa, tanto para contar experiências pessoais, como para apresentar depoimentos e estórias contadas por outras pessoas. Por exemplo:

“Todos os anos vividos no sertão do Rio Grande do Norte foram cursos naturais de literatura oral (...). Todos sabiam contar estórias. (...) Ia eu ouvindo e aprendendo. (...) Fui para o curso secundário e pude ver a diferença entre as duas literaturas (...). Compreendia a existência da literatura oral brasileira, onde eu mesmo era um depoimento testemunhal.. (...)”²⁵

“Minha mãe conta a estória de Valdivinos (...)”²⁶

“Em dezembro de 1928, no Alecrim, bairro do Natal, Mário de Andrade e eu assistíamos a um ensaio do Bumba-meu-Boi (...)”²⁷

“(...) contada por meu Pai, grande sabedor de facécias sertanejas, antiqüíssimas.”

“Conheço homens que *sobem* cantando as jornadas do Fandango como seu Pai, avô e bisavô fizeram.”²⁸

É em relação ao conto popular que Câmara Cascudo discute de forma sistematizada as questões metodológicas, buscando o método *no* conto e o método de estudo *do* conto.

Ao tratar da “técnica da narrativa popular, fórmulas, informações, recursos auxiliares”, Cascudo busca identificar método *no* conto popular. Identifica o ambiente, os horários, as fórmulas mais usuais de início e finalização quando se contam estórias, bem como os gestos, a entonação da voz, a pronúncia.

Detém-se na discussão das possibilidades de método de estudo *do* conto popular, assinalando como marco de referência, para a definição de programas de estudo nessa área, os trabalhos do finlandês Kaarle Krohn (1863-1933) e da Associação Folklore Fellow, que em 1949 publicou o *FF Communications*, reunindo estudos de especialistas de diversas nacionalidades, sobre “folklore”.

Cascudo assinala que os trabalhos da *escola finlandesa* dão espaço para “versões {que} vêm de toda parte do mundo”²⁹, e opta, como caminho metodológico, pela adaptação do *método finlandês histórico-geográfico* a seus estudos da cultura brasileira. Mescla-o

²⁵ LOB, Introdução

²⁶ idem

²⁷ LOB, Cap.I, pg. 26

²⁸ LOB, Cap. X, pg 390

²⁹ LOB, pg. 250



com sua própria história de vida, em que se complementavam as estórias contadas e as pesquisas *de biblioteca*. Assim, recolhe exaustivamente versões orais e escritas de contos e de outras expressões de literatura oral, estabelece relações entre elas, busca manifestações diversas de um mesmo motivo. Identifica cada versão quanto ao informante, à região e à época em que foi recolhida, ou registra as referências bibliográficas, quando a fonte é impressa. Nessa busca e nesse registro, reconstrói a história das diversas expressões da literatura oral, seu processo de transmissão ao longo do tempo, em diversas regiões, em variadas línguas e linguagens.

Adota o procedimento metodológico da comparação entre diferentes versões de contos (e faz assim, também, em relação a outras modalidades da literatura oral), buscando origens, formas de transmissão, de permanência e mudança. A partir dessa comparação confronta, por exemplo, trajetórias (no tempo e no espaço) de temas, motivos e elementos: “assuntos literários tratados há quinhentos ou seiscentos anos por escritores e poetas, perfeitamente constatáveis {agora} nos contos, anedotas, casos (...)”³⁰. Pela comparação, pretende acompanhar a transformação e a substituição continuadas de elementos, em momentos, locais e culturas diferentes: “(...) a lenta substituição dos elementos pelos acessórios locais garante a compreensão que a vida é sucessiva”³¹.

O encontro, a convivência e a interação entre as “*pontas comunicantes*” da literatura oral e da literatura escrita são recorrentemente tratados por Cascudo, a partir do cotejo e da comparação: “(...) a estória e o seu aproveitamento culto vivem no mesmo país independentemente. O tema segue contado pelo povo, e a página literária lida e citada pelos alfabetizados”³².

O método comparativo de Cascudo levou-o também a conclusões, à sua época, inovadoras, quanto às origens e à formação de temas, motivos, elementos ou modalidades de literatura oral. Comenta, por exemplo: “Há poucos anos era possível, pelo restrito conhecimento que se tinha da etnografia africana, asiática e dos povos insulares do Pacífico, indicar, sizudamente, a procedência de um costume ou de uma estória. Ninguém, atualmente, atreve-se a esse gesto *bonito*”³³. Exemplifica a questão para casos brasileiros: “Assim, ninguém pode recusar que o ‘desafio’ sertanejo tenha

³⁰ LOB, Introdução, pg. 14

³¹ idem

³² idem

³³ LOB, Cap. I, pg. 28



vindo do canto amebéu, alternado, que os pastores gregos usavam. (...) Uma anedota moderna podia ter sido contada por Noé...”³⁴

A propósito dessas buscas, confrontos e descobertas, em vários trechos conclui com metáforas: “Vezes paramos porque vinte estradas correm na mesma direção, embora volteando paisagens diferentes”³⁵.

5. O lugar da análise: as interpretações de Cascudo, os espaços de pesquisa

Literatura Oral no Brasil foi escrita há quase sessenta anos, mas muitas das interpretações de Câmara Cascudo podem ilustrar discussões teóricas, conceituais e metodológicas contemporâneas nossas.

Embora se encontrem reservas quanto à obra de Cascudo, na área acadêmica (em especial quando é associado, de forma desqualificante, “apenas” a estudos folclóricos), observa-se uma crescente retomada de interesse em relação a sua obra, o que pode ser atestado pela reedição de vários de seus livros, pela releitura de seus textos na academia e fora dela, e por uma rejuvenescida referência a seu trabalho, por exemplo, na produção cultural de teatro e música e nas rodas de contadores de estórias.

Essa retomada insere-se também na expansão de pesquisas e discussões que valorizam a voz das pessoas comuns, as interpretações e seus conflitos, as versões, a não-linearidade, as redes e tramas, as conversações, a comunicação.

A propósito desse caráter atual dos trabalhos de Cascudo, o historiador Marcos Silva, que recentemente organizou o *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*, comenta: “Sem pretender transformar o autor norte-rio-grandense em suposto ‘precursor’ de ninguém e preservando diferenças teóricas e políticas, é importante, todavia, identificar suas sintonias e os confrontos com essas tendências no debate sobre sociabilidades e culturas”³⁶. Marcos Silva lembra que tal retomada da discussão sobre Cascudo “se beneficia também de um universo teórico das ciências humanas que tem redefinido, em diferentes rumos, questões como cultura popular, multiplicidade de experiências e fazeres humanos (...)”. Relembra autores como Mikhail Bakhtin, Carl Ginzburg, George Rude, Edward Thompson, Roger Chartier.

³⁴ LOB, Cap.I, pg. 29

³⁵ LOB, Cap.I, pg. 29.

³⁶ SILVA (2003). Nota Preliminar.



As questões da oralidade, do hibridismo e da circularidade cultural podem se constituir em algumas dessas *sintonias* às quais Marcos Silva se refere.

Literatura Oral no Brasil é talvez o exemplo mais explícito da relevância dada por Câmara Cascudo à oralidade e às fontes orais, que trata teórica e metodologicamente, discutindo seu *status* frente aos documentos históricos escritos e à própria cultura do letramento. Nos anos quarenta essa opção é inovadora e aproxima Cascudo da Nova História, que “ampliou o campo do documento histórico: ela substituiu a história (...) fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, *documentos orais*, (...), estatísticas, uma fotografia, um filme (...) são, para a história nova, documentos de primeira ordem.”³⁷

Esse espaço de pesquisa é desafiador para os comunicadores, por comportar questões como cultura e comunicação, representações e imaginário social, memória e tempo presente, cultura popular, folkcomunicação.

A transmissão, o diálogo e a mudança constituem, também, espaços de interesse para a comunicação contemporânea. Ao longo de seu trabalho de registro, classificação e análise de literatura oral, Cascudo enfatiza a formação híbrida dessa literatura e o lento e contínuo processo de transmissão e transformação dos elementos e motivos que a constituem: “A literatura oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar. (...) Todas essas influências, pesquisadas, somem-se num escurão de séculos, através de povos e civilizações, num enovelado alucinante de convergências, coincidências, presenças, influências, persistências folclóricas”.³⁸

Além das referências frequentes em todo o texto, Cascudo dedica capítulos especiais ao que considera a *participação indígena*, a *sobrevivência africana* e a *permanência portuguesa*, sempre lembrando as trajetórias múltiplas e complementares de cada expressão da literatura oral. Traz exemplos extensíveis à discussão de questões como *objetividade jornalística*, *verdades* e *visões hegemônicas*: “O canto e dança no Brasil são águas desses três estuários. Serão possíveis as identificações influenciadoras?

³⁷ LE GOFF (1998)

³⁸ LOB, Cap. I, pg 28



Podemos determinar os elementos exclusivamente africanos, portugueses, ameríndios?”³⁹ (...) O mesmo tema vinha por vários caminhos. (...) Raramente é possível identificar na confusão da foz a origem das águas que correm.”⁴⁰. Nesses exemplos, aponta para os caminhos que alguma estória ou canção pode ter seguido: “O que se pensava estritamente negro, estava nas memórias de siberianos e ingleses, alemães e gregos, italianos e centro-americanos, marroquinos e brasileiros, além das citações clássicas greco-latinas”⁴¹.

Os conceitos de complementaridade e de circularidade cultural estão presentes nas referências freqüentes à interdependência entre a literatura oral e a escrita, e também no confronto entre motivos e elementos encontrados em uma e outra. Cascudo aponta, ainda, para as relações entre o universal, o nacional e o regional, identificando noções comuns universais e expressões locais diferenciadas⁴²: “Tanto mais universal um conto, mais será popular num dado país. O típico será sempre regional. O nacional já evidenciará uma amplidão denunciadora de sua universalidade”⁴³.

Além desse *zoom* do local ao universal, vale lembrar novamente que Câmara Cascudo importava-se em pesquisar a construção, a formação da literatura oral, e não um ponto único de origem. Por exemplo: “Durante muito tempo houve um processo simplista de localizar a origem de influências. (...) Os próprios mapas etnográficos só podem evidenciar o diagrama de percurso e não o ponto indiscutido da velocidade inicial”⁴⁴.

Essas sintonias e confrontos com discussões contemporâneas no âmbito da Comunicação, das Ciências Sociais, da História, reafirmam *Literatura Oral no Brasil* como referência nessas áreas do conhecimento. E essa volta à sua leitura, “a convite” de duas cartas de Câmara Cascudo, vem reafirmar a circularidade também entre presente, passado e futuro – das *linhas de Cascudo a espaços de pesquisa em Comunicação*. Além disso, a volta a *Literatura Oral* possibilita uma prazerosa leitura de estórias e um encontro instigante com o pesquisador e narrador brasileiro – provinciano, universal – que é Câmara Cascudo, o primo Cascudinho que escrevia cartas para meu avô.

³⁹ LOB, Cap. II, pg 38

⁴⁰ LOB, Cap. V, pg 187

⁴¹ LOB, Cap. IV, pg. 147

⁴² Essa concepção está presente em outras obras de Câmara Cascudo. A propósito, ver comentários de Maria Sylvania Porto Alegre sobre *Informação de História e Etnografia – 2ª versão*, em SILVA, 2003.

⁴³ LOB, Cap. V, pg 179

⁴⁴ LOB, Cap. IV, pg. 149



Referências bibliográficas

AARNE, Antti. 1910. *Verzeichnis Der Marchentypen*. Helsinki, FF Communication 3.

AARNE, Antti e THOMPSON, Stith. 1928. *The types of the Folk-tale: a classification and bibliography*. Helsinki, Suomalainen Tiedeakatemia.

ANDRADE, Mário de, 1991. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Villa Rica.

ARRUDA CÂMARA, Antônio de. 1942 – 1943. *Aspectos da Sociologia Rural no Brasil: como vive, mora, se alimenta e trabalha o agricultor brasileiro. Andamento do inquérito “habitat rural”*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura. Serviço de Economia Rural. Seção de Pesquisas Econômicas e Sociais.

_____. 1948. *Investigações Agrônomicas. Regiões do Estado de Goiás*. Rio de Janeiro, Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil.

_____. 1960. *Os Arruda Câmara de Cachoeira de Cebolas – ascendentes e descendentes*. Rio de Janeiro.

BELTRÃO, Luiz. 1965. O ex-voto como veículo jornalístico. *Comunicações & Problemas*, 1965, v.1, n.1. Recife, Icinform.

BYINGTON, Silvia Ilg. No Balanço da Rede: A correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade, um território de amizade intelectual. Em MODERNOS DESCOBRIMENTOS DO BRASIL. História. PUC – Rio @. Página do Projeto Integrado de Pesquisa “Modernos descobrimentos do Brasil”. Desenvolvido no Departamento de História, PUC/Rio. Disponível em <<http://modernosdescobrimentos.inf.br/>>. Acesso em 15.11.2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. 1952. *Literatura Oral no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora. 1ª ed. Coleção História da Literatura, vol. VI. Org. Álvaro Lins. 451 p.

_____. 1957. *Jangadeiros*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura.

_____. 1978. *Literatura Oral no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora. 2ª ed. Coleção Documentos Brasileiros, volume nº. 186.

_____. 1984. *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia. Coleção Reconquista do Brasil.

FORTUNATO, Sandro, org. desde 1998. “*Memória Viva de Cascudo*”. Em *Memória Viva – história rima com memória*. Disponível em <<http://www.memoriaviva.digi.com.br/>>. Acesso em 10.11.2003.



FROTA, Lelia Coelho. 1981. Mário de Andrade: uma vocação de escritor público. In: SPHAN, Pró-Memória. *Mário de Andrade: cartas de trabalho – correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade*. Brasília.

LE GOFF, Jacques, org. 1998. *A História Nova*. São Paulo, Martins Fontes.

LIMA, Fábio Arruda de. *O que seu avô não sabia*. Mensagem recebida por <neiva3@terra.com.br>, em 08.12.2003, encaminhando o arquivo *Genealogia Arruda Câmara - A Origem em Portugal – rascunho*.

MAMEDE, Zila. 1970. *Luís da Câmara Cascudo: cinquenta anos de vida intelectual; 1918-1968; bibliografia anotada*. Fundação José Augusto, Natal.

MARANINI, Nicolau José Carvalho. 1999. A trajetória de um pioneiro. PCLA – Vol. 1 – nº. 1: out./ nov./ dez. 1999.
<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista1/perfis2.htm#Revista%20Comunicações%20e%20Problemas>. Acesso em 10.02.2005.

MELO, José Marques de. 2001. Folkcomunicação Ganha Legitimidade na América Latina e em Países Lusófonos. PCLA. Vol. 2 – Nº. 2: jan. / fev./ mar. 2001
<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista6/forum%206-1.htm#O%20legado%20de%20Beltrão>. Acesso em 10.02.2005.

_____. 2003. Folkcomunicação, contribuição brasileira à Teoria da Comunicação. Revista Internacional de Folkcomunicación – 2003, Nº. 1. pp. 32 – 33.
<http://www2.metodista.br/unesco/revistafolkcom/Revista.pdf>, pg. 28. Acesso em 25.04.2005.

_____ e HOHFELDT, Antônio. 2004. Acontecimentos Comunicacionais 408 AC – 2004 DC. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, vol. XXVII, n.1, jan. - jun. 2004.

SÉBILLOT, Paul. 1881. *Littérature Orale de la Haute-Bretagne*. Paris, Maisonneuve.

SHEHEREZADE, Los 1.001 Cuentacuentos. *786 Cuentos*. Apresenta experiências de um grupo de contadores de estórias. Disponível em <<http://786cuentos.iespana.es/786cuentos/>>. Acesso em 14.11.2003.

SILVA, Marcos, org. 2003. *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo, Perspectiva / FFLCH/USP / Fapesp; Natal, EDUFN / Fundação José Augusto.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. 14.12.2003. “O seqüestro acadêmico do estilo”. Mais! Folha de São Paulo.